

APROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação « Cultura » Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTOREDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 026467
MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

Tempo de férias

O hábito existe. Ignoro desde quando, mas existe. Refiro-me ao facto de se minimizar o português que, feito turista, abala por aí fora rumo à estranha na consumação de um direito que deveria — segundo alguns — e não se percebe por que, ser um exclusivo dos estrangeiros.

E contam-se histórias mais ou menos pitorescas, histórias que têm, invariavelmente, como figura central, o português.

Ou é aquele que, à mesa do «restaurante», se lembrou de chamar «can» ao queijo, ou, então, um outro que, necessitando, em Paris, de abandonar por instantes a casa onde acabava de alugar-se, chegou a um dos extremos da rua e tratou, por precaução, de copiar, letra por letra, o que ele supunha ser o nome da rua e se encontrava estampado, como cá, na parede do último prédio.

Certo é que, quando o nosso português pretendeu regressar à base, não encontrou o norte. Vá, pois, de esclarecer-se junto do gen-darme. Este, frente ao papel a que o nosso homem transmitiu o seu apontamento, largou uma gargalhada. Estava lá escrito «que era proibido afixar anúncios nesta propriedade». Adiante. Se a coisa aconteceu realmente, nada tem de ridículo.

Vá que a gente ria, sim, mas pensando também no que poderá acontecer-nos se

amanhã, por qualquer motivo, nos encontrarmos no Japão e tivermos de apontar o nome dum rua num papel. Quem nos garante que a tradução não será ainda mais cómica?

— Mas, dirá o leitor, a que

Por
ARMANDO TRINDADE

propósito vem toda esta algaraviada? Eu digo já:

O Rogério, rapaz da minha amizade, contou-me há dias um caso do género dos que venho de citar. Simplesmente — e aqui é que surge a explicação — o *patego* (chamam-lhes assim, não é?) não foi, e não se percebe por que havia de ser, um português.

Desta feita o homem de

quem se fala viu a luz em terras de França donde a implícita obrigação de ser um todo muito esperto, sem poços-de-ar no seu esclarecido raciocínio.

Mas porque, por maior cultura que se possuía, há sempre no caminho de alguém um caroço de ameixa acabada de comer, o «monsieur», topou com um no «café» onde o bom do Rogério lia as últimas e saboreava a sua «bica».

«Monsieur» entrou, saudou, apresentou-se bem, e compreendeu-se menos mal, depois do que, abrindo um dos seus sorrisos de *exportação* (os turistas têm sempre um sorriso diferente para os seus compatriotas...) pediu autorização para acamaradar com o meu amigo.

Dada esta de bom grado,

(Continua na página 4)

Notícias diversas de Portugal

CONTINENTE

— Foi condecorada com o grau de comendador da Ordem de Santiago da Espada, a notável e distinta actriz D. Palmira Bastos.

— Afundou-se na madrugada de sexta-feira, 8, na Terra Nova, o lugre-motor «Cruz de Malta», cuja tripulação composta de 44 homens, se salvou.

— Está apurado que o autor do caso dos tiros na Rua Monte Olivete, foi o menor Jaime Soares da

Silva, de 14 anos, residente na Rua Marcos Portugal, em Lisboa.

— O Governo Português prosseguindo na luta contra o flagelo da tuberculose antecipou o seu programa de combate, dotando com mais 17 mil contos a verba já votada no orçamento do corrente ano, para o que foi contraído um empréstimo.

ULTRAMAR

— A província de Angola exportou trinta e oito mil toneladas de café no primeiro semestre do ano corrente.

— As últimas exportações de produtos piscatórios do distrito de Benguela foram as seguintes: para os Estados Unidos, 1000 toneladas de farinha de peixe; para a Alemanha, 156 toneladas de óleo de peixe; para a Bélgica, 400 toneladas de farinha de peixe; para a Holanda, 250 toneladas e para a Grécia, 25, ambas de farinhas de peixe também. Para a Bélgica foram embarcadas mais 400 toneladas e 307 para a Alemanha. Para o Congo Belga e pelo caminho de ferro, foram embarcadas 65 toneladas de farinha de peixe e 35 de fertilizantes.

— Encontra-se quase terminada a construção do novo hospital de Silva Porto, que se enquadrará na rede de assistência de que já hoje dispõe a capital do Bié.

— O número de Missões Católicas em Angola, em 1956, era de 132 e de missionários 389 e 689 auxiliares.

(Continua na página 4)

O progresso industrial de Angola

Vão começar no Alto Catumbela, em Angola, as obras da construção da fábrica de celulose e pasta de papel-19 edificações para a instalação de pessoal europeu e indígena, armazéns, cantinas, estaleiros, etc., bem como a estrutura principal da fábrica.

Nesta primeira fase de edificações prevê-se um investimento de cerca de 17.000 contos.

Está igualmente prevista a montagem dos primeiros maquinismos ainda nos últimos meses do ano corrente, devendo os restantes chegar a Angola de modo a poder-se completar a sua instalação por todo o curso do próximo ano.

É natural, portanto, que por fins de 1959 ou princípios de 1960, se possa começar a produzir celulose e pasta de papel em Angola utilizando-se madeira de eucalipto como matéria-prima.

Quanto à construção da central hidroeléctrica que fornecerá energia para o accionamento desta fábrica, com o aproveitamento dos rápidos do Lumaun, no rio Catumbela, espera-se que tal obra esteja concluída até Dezembro do próximo ano.

Além do abastecimento desta importante unidade fabril, a referida central deverá ainda fornecer energia para toda a região compreendida entre o Cubal e Nova Lisboa.

A fábrica de celulose e serviços administrativos adstritos empregarão na sua actividade cerca de 260 europeus, que, com suas famílias, deverão elevar a perto

de 1.000 o número de pessoas que virão a fixar-se local onde a fábrica está ser erguida.

O capital desta nova empresa fabril, inteiramente subscrito por entidades particulares, é de 80.000 contos estando prevista e autorizada a sua elevação para 100.000 contos. No entanto o investimento real de capital, para a qual se conta com apoio e colaboração de vários estabelecimentos bancários nacionais, nomeadamente o Banco de Angola, excederá os 200.000 contos.

A nova indústria de celulose e papel é mais um índice do progresso industrial de Angola e da capacidade de iniciativa dos portugueses.

À procura de porto seguro

Aspira-se a uma certeza consoladora como ao pão para a boca. Quem a não encontra faz a figura do doente que baldadamente procura no leito uma posição que lhe dê sossego. Os espíritos sem norte seguro, sem crenças absolutas, vivem o drama cruciante de quem aspira a uma verdade negaceante, de quem quer ser diferente do que é, sem, aliás, saber bem o que pretende ser. Esses tais, na multiplicidade de rumos que os sollicitam, gostariam de se inclinar francamente para

(Continua na página 4)

LEGENDAS DE PORTUGAL (3)

O MINHO

Por -- Antero de Figueiredo

O meu querido Minho, lindo torrão de aconchegada verdura, onde me criei e a quem sempre amei, é um pano de Arraiolos, de cores bem toadas no matiz dos seus muitos verdes diferentes.

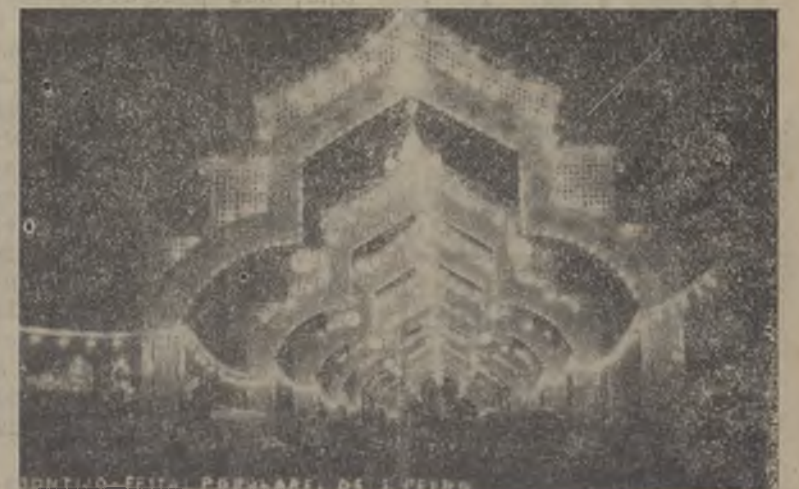
As suas cidades, de velhas igrejas, de velhos solares, de castelos e albarás medievais, plantadas em terras chãs estão cercadas de prados e o círculo dos seus horizontes fecha-se por cordas de montes de aguada azul muito diluída e muito luminosa; ou, instaladas na foz dos rios, espelham, com donaire, o branco das suas casas, o vermelho dos telhados, o verdete das alamedas e dos jardins na tremulina de pedrarias dos seus estuários de maravilha onde o sol reverbera.

Por dentro a alma do Minho que tem a mesma cor risonha da sua aparência: uma cantiga verde que cheira a sol.

Os foguetes estrealham; troam bombos; rufam caixas; berram nos mastros as cores das bandeiras; fremem os galhardetes agitados pelo vento; à tarde, as caminhetes de procissão cheiram a funcho, a espadanas, a alecrim; e à noite, no avinhado do arraial rumoroso, onde, em seus palanques, musicatas tocam em despique, brilham mil lumes de griestas e são de tintas várias os copinhos de papéis de cor pendurados de festões de buxo.

(de «A Campanha»)

Imagens e Ecos das Festas de S. Pedro, em Montijo



Um sugestivo conjunto de arcaria na iluminação eléctrica da Praça da República, desta vila.

(Foto gentilmente cedida pela «Foto Cinefilme»)

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa
Das 15 às 20 h.

R. Bulhão Pato, 14 - 1.º
Telef. 030 245 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes,
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 030 256 — MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Bulhão Pato, 14 - 1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Dr. Santos Marcello

Doenças nervosas e mentais

Consultas e tratamentos — pri-
meiros e terceiros sábados de cada
mês, pelas 12 horas, no consultório
do Ex.º Sr. Dr. Ferreira da
Trindade — R. Bulhão Pato, 42 -
Telefone 030 131 - MONTIJO.

Dr. Elísio Morgado

Médico-Especialista

Doenças dos olhos

Consultas às 5.ªs feiras,
pelas 14 horas
Rua Bulhão Pato, 14 - 1.º
MONTIJO

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça
Av. Luís de Camões - MONTIJO
Telef.º 030 502 - 030 465 - 030 012

Parteiras

Augusta Marques Charneira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
R. José Joaquim Marques — N.º 231
Telef. 030 556
MONTIJO

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira
PARTO SEM DOR
Ex-estagiária das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 030/038
De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030 046
Serviços Médico Sociais, 030 198
Bombeiros, 030 048
Taxis, 030 025 e 030 479
Ponte dos Vapores, 030 425
Polícia, 030 144

Foto Cine Filme

Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos fotográficos
Reportagem Fotográfica
Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

MONTIJO

A BANDA «1.º DE DEZEMBRO», DE MONTIJO,

Segue no próximo domingo, dia 24, a caminho da HOLANDA

Já vencidas felizmente todas as dificuldades que impediam o seu louvável objectivo, — mercê de enormes canseiras desenvolvidas pela esforçada Direcção da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, encorajada pelo dinamismo entusiástico do digno regente da sua categorizada Banda, sr. maestro António Gonçalves —, esta seguirá no próximo domingo, 24 do corrente, para a cidade holandesa de Kerkrade, — a mais antiga cidade mineira da Europa —, a convite da importante organização Welred Musick Concours, que, segundo é já sabido, efectua naquele país de dois em dois anos valiosos concursos musicais internacionais, em que podem participar bandas militares e civis de todo o mundo, a fim de ali tomar parte no Concurso Mundial de Bandas Civis de Amadores, em representação do nosso país.

Para a realização dessa honrosa finalidade, foi de largo alcance o valioso incentivo e incedível apoio moral e material do governador civil do nosso distrito, sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, individualidade ilustre a quem são devidos os melhores louvores e agradecimentos, ao ponto de querer valorizar a actuação da nossa Banda neste notável certame com a sua honrosa presença, em Kerkrade.

Que o Montijo não esqueça quanto de digno e de estimulante existe no seu exemplo, vindo ao encontro das aspirações da colectividade que há 104 anos ergue altiva neste país e além-fronteiras, o título de 1.º de Dezembro, como padrão glorioso deste venerando Portugal!

E esta Sociedade que, em primeiras categorias, foi considerada no Concurso efectuado em Setúbal em 8 de Agosto de 1954, a melhor Banda Civil do nosso Distrito, não poderá esquecer em Kerkrade, Bruxelas e Paris, a prestigiosa missão de que vai investida: — Consignar naquelas cidades o valor das sociedades filarmónicas portuguesas, através duma das mais consideradas da nossa nacionalidade; e levar ao coração dos nossos compatriotas ali residentes, a saudação amiga da sua colectividade, em representação do nosso País, e «ipso-facto», do distrito de Setúbal a que pertence, e da população de Montijo!

A acompanhar o cavaleirismo do nosso chefe de distrito, há a destacar o interessante apoio morai do

sr. Dr. César Moreira Baptista, actual Secretário Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, e a sua promessa de todas as facilidades possíveis da parte do seu departamento oficial, para que esta Banda vá em representação nacional nesta sua viagem, à Holanda, Bélgica e França.

* * *

Pena é, porém, que os organismos oficiais, e neste caso os mais indicados, o S. N. I. e o nosso Município, não tivessem possibilitado a concessão de subsídios imprescindíveis a tão valorosa e magnífica embaixada artística, pelo que a ia fazendo malograr, para mau signo de Portugal e da nossa terra nesse Concurso.

A quem, portanto cabe nesta hora alta de reconfortante euforia, devermos a honra de ver a representação musical do nosso País naquela competição musical? Além do gentil concurso pessoal do nosso ilustre governador civil; aos donativos generosos da Philips Portuguesa, Shell Portuguesa, Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses e à Lever Portuguesa, que deram também vigorosos alentos a essa iniciativa cultural, além fronteiras.

* * *

E quanto ao Montijo, no seu aspecto moral e material?

Se a força das circunstâncias causou sérias apreensões aos dirigentes e à massa associativa da colectividade, e igualmente ao espírito sensível do bom povo montijense, a sua direcção e o regente da Banda souberam manter viva a chama do entusiasmo, de modo a que não fenecesse a significativa e patriótica perspectiva de levar o nome da nossa Banda e o nome de Portugal, «a outros países, ainda por si, não visitados!»

Mãos à obra e sempre avante!

Fizeram-se sacrifícios, contraíram-se possivelmente pesados encargos a solver no futuro, mas procurou-se assegurar o prestígio de Portugal e o nome respeitado de Montijo manteve-se!

Honra seja concedida aos dirigentes, à Banda e seu dedicado regente, sócios e a todos os bons amigos da «1.º de Dezembro», que unisonamente contribuíram para se concretizar a sua maravilhosa aspiração!

* * *

Deixa-nos, portanto, a «1.º de Dezembro», no próximo domingo, dia 24, na legítima

ambição de afirmar nesses países o valor das filarmónicas portuguesas, em concorrência com as de outras nacionalidades, e em especial, no sábado, 30, em Kerkrade.

Que ali sejam felizes os nossos músicos civis, ou que pelo menos, se mantenham dignos das suas gloriosas tradições!

Na Holanda apresentar-se-á, também, no «Auditório», que comporta 8.000 pessoas, havendo uma audição especial para a televisão internacional, de que compartilha nas suas exibições, o Rancho Folclórico de Almeirim.

Que não só nessa cidade holandesa, como também no concerto a efectuar no Pavilhão de Portugal na Exposição de Bruxelas; ou ainda em Paris, sob os auspícios da Casa de Portugal na capital francesa, tenham eles a visão longínqua da Pátria agradecida pelo seu nobilitante esforço no sentido de contribuir para o engrandecimento da raça Lusitana, servindo-lhes igualmente de estímulo para criar uma nova auréola para o nome de Montijo.

E ao regressar esta nossa Banda ao «pátrio-lar», em 7 de Setembro próximo, toda a nossa população decerto grata pelo mérito aí demonstrado, lhe manifestará o seu caloroso aplauso, dizendo-lhes:

«Muito e Muito Bem, Veneranda 1.º de Dezembro!»

E, por hoje, num amplexo de sincera amizade, com votos de grandes venturas em terras estranhas, todos nós montijenses — naturais ou afectivos, — lhe vaticinamos;

Boa Viagem!

Boa Viagem!
J. M. M.

Tempo de Férias

Por o julgarmos adequado à presente época de vilegiaturas, transcemos com a devida vénia do nosso prestimoso confrade «O Setubalense», o brilhante artigo do seu redactor, sr. Armando Trindade, ali inserto sob este título, em que se revela mais uma vez a sua «charme» humorística.

Assinar «A PROVINCIA» é contribuir para o progresso da sua terra

Carreira de passageiros entre Setúbal - Vila F. de Xira

Por se tratar de um melhoramento que muito viria beneficiar os povos dos concelhos de Montijo e Alcochete, bem como da povoação do Pinhal Novo, na sua ligação directa com Setúbal e Vila Franca de Xira, já o nosso semanário abordou em tempos este momentoso assunto, o qual tinha estado esquecido, infelizmente, segundo se pensava.

No entanto a gerência de «A Transportadora Setubalense», de João Cândido Belo & Cª, Lda não tem descurado o assunto, pelo que se infere da sua carta de 12 de Junho passado, que passamos a reproduzir:

«Em 5 de Abril de 1957, tomámos a liberdade de comunicar ao V.º conceituado jornal, que havia sido requerida uma carreira de passageiros entre SETÚBAL e VILA FRANCA DE XIRA, em substituição da existente entre MONTIJO e a segunda das localidades indicadas.

«Com essa informação tentámos demonstrar a conveniência da criação dessa carreira que, não obstante, nos foi recusada em presença do parecer emitido pelo Conselho Superior dos Transportes Terrestres, salientando o facto do troço de estrada entre Sarilhos Grandes e Palmela se situar paralelamente e junto do ramal do caminho de ferro.

«Como requeremos a carreira recusada permitimo-nos comunicá-lo para efeitos que tiverem por convenientes informando, também, que o requerimento para a mesma termina no dia 20 do corrente, data até à qual podem ser apresentados, na Direcção Geral de Transportes Terrestres, os pareceres favoráveis ou desfavoráveis à concessão pedida».

No desejo de pôrmos o público ao facto do resultado das diligências da empresa «A Transportadora Setubalense», vamos inquirir qual o resultado das suas diligências e oportunamente nos referiremos a este problema que interessa sobremaneira à nossa região.

O RIBATEJO

através dum programa do «Rádio Ribatejo»

«Rádio Ribatejo» que o esforçado trabalho do sr. Capitão Varela dos Santos sustenta e mantém ao serviço do Ribatejo, gentil e graciosamente tem vindo a transmitir todos os sábados, a partir das 13,15 horas, um programa de divulgação desta província, com a valiosa colaboração da Casa do Ribatejo, com sede em Lisboa.

E autor deste programa o sr. Capitão Faustino José Domingues, secretário da Direcção daquela agremiação regional.

A montagem radiofónica é de autoria do jovem Alberto Varela dos Santos, estando a locução a cargo de Carlos Manuel.

Possui esta organização um excelente «texto» que interessa a todos, e sobremaneira a todos os ribatejanos, motivo porque «A Província», nascida nesta castiça região não pode deixar de assinalar a transmissão deste programa, recomendando-o a todos os seus leitores.

Portanto, se é bom ribatejano, não deixe de escutar todos os sábados, às 13,15 horas, o programa «Rádio Ribatejo», pois assim saberá tudo o que se relaciona com a sua província e poderá igualmente conhecer o que é, e o que poderá vir a ser a Casa Regional do Ribatejo!

Trespasa-se

CASA DE BICICLETAS bem afreguesada, e com diversos acessórios à venda.
Bom local. Informa esta redacção.

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— No dia 20, completou mais um aniversário natalício o ex.^{mo} sr. Capitão José Augusto de Almeida, digno delegado dos serviços de Censura à Imprensa neste Distrito, a quem felicitamos efusivamente.

— No dia 20, a menina Neusa Maria Rodrigues de Carvalho Futre, completou as suas 5 risonhas privaveras, e no dia 23 do corrente completará o seu 8.º aniversário, o menino Helder Rodrigues Carvalho Futre, filhos estremosos do nosso estimado amigo e assinante sr. Joaquim Rodrigues Carvalho Futre, residente no Brasil e sobrinhos do nosso prezado assinante, sr. António José Rodrigues Maurício.

— No dia 21, perfaz nove anos o menino Raúl Fuste de Sousa, neto querido do nosso prezado assinante, sr. António Barbosa Fuste.

— No dia 22, a sr.^a D. Maria Odete dos Anjos Monteiro, sobrinha e afilhada do nosso dedicado assinante, sr. António Ribeiro, desta vila.

— No dia 24, o menino António Carlos Cunha Cola, sobrinho do nosso prezado assinante, sr. Francisco da Conceição Cola, residente em Sacavém.

Para todos os aniversariantes, os nossos parabéns.

De retirada

Dr. Eduardo Perdigão

Por mudança da sua actividade profissional retira-se desta vila, pelo que deixou o cargo de director clínico do Hospital da Misericórdia de Montijo, o distinto médico-cirurgião e nosso estimado assinante, sr. Dr. Eduardo Marques Perdigão.

O ilustre facultativo pela afabilidade do seu trato grangeou inúmeras simpatias em todas as camadas sociais da nossa população, e mereceu dos valiosos serviços prestados adentro do seu árduo cargo naquela instituição hospitalar, bem mereceu do reconhecimento e gratidão de todos os montijenses, a quem ele servia disveladamente.

Lamentando o seu afastamento do nosso convívio, fazemos os melhores votos pelas venturas de que é merecedor, bem como sua ex.^a família.

Em Férias

Prof. José Manuel Landeiro

Em gozo de merecidas férias, retirou para Aldeia do Bispo (Penamacor) este nosso prezado amigo e colaborador acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Benedita de Jesus Nunes Gonçalves Landeiro, distintos professores nesta vila.

E dizemos distintos professores, pelo elevado número de alunos que ainda este ano propuzeram a exame, com total aprovação, merecendo bem que findo um ano de intenso labor de ensino, ali obtenham o devido repouso intelectual para continuarem o seu labor em prol de Montijo e da sua população escolar.

Tais são os votos de «A Província» para esse nosso estimado amigo e sua ex.^a esposa.

Enfermos

António da Silva Diniz Júnior

Já há dias que recolheu ao Hospital do Desterro, de Lisboa, o nosso prezado amigo e assinante sr. António da Silva Diniz Júnior, estabelecido nesta vila.

Da operação a que foi submetido muito desejamos que tudo decorra bem, e que dentro em breve regresses ao convívio de sua família.

José Ribeiro Vintém

Encontra-se desde há dias hospitalizado em Lisboa, a fim de ser submetido a operação cirúrgica, este nosso dedicado assinante e

MONTIJO

Colónia Balnear «José da Silva Leite»

Encerra no próximo sábado, dia 23, com frequência de dois turnos de crianças pobres deste concelho, o funcionamento da Colónia Balnear de Montijo, de que são dedicados protectores o sr. José da Silva Leite, estimado presidente da Câmara Municipal de Montijo; e sua esposa, sr.^a D. Ivone Angélica Correia Leite.

O movimento deste ano foi inferior, tendo no entanto ainda beneficiado da sua protecção, 250 crianças.

«O Setubalense»

Perfez no passado dia 10 do corrente 42 anos da data de fundação de «O Setubalense», na sua fase inicial dedicada à defesa dos interesses da cidade de Setúbal, e actualmente como tri-semanário, órgão informativo e defensor dos interesses do nosso distrito.

Nas pessoas dos srs. Diniz Bordoal Pinheiro e Guilherme Faria, respectivamente, seu Director e Director-Adjunto, endereçamos as nossas felicitações ao seu corpo directivo e redactorial, bem como a todas as pessoas que nele colaboram, desejando-lhe as maiores prosperidades.

Sociedade Recreativa

Progresso Afonsoeirense

Realiza-se nesta agremiação popular do vizinho bairro de Afonsoeiro, no próximo domingo, dia 24, em «soirée» que promete grande interesse uma festa associativa intitulada «Uma noite em Tôquio, (Japão)», para a eleição da mais linda Gueisha, na qual tomará parte a Orquestra «Oriental», uma das mais famosas da nossa região.

Felicitemos a direcção dessa simpática colectividade pelo seu empenhamento e desejamos vastíssima concorrência e animação nessa noite, com prazer para os seus associados e famílias.

Sociedade Recreativa

do Alto das Vinhas Grandes

Continuam no próximo domingo dia 24, em «soirée», as festas do 9.º aniversário desta colectividade, efectuando-se na sua esplanada um baile que será abrilhantado pela aplaudida Orquestra Típica «Os Vencedores» de Rio Frio, o qual a exemplo dos antecedentes deverá ser largamente concorrido.

Vende-se

— Carro com direito à praça, nesta redacção se informa.

Alugam-se

— Dois quartos mobilados e casa de jantar, com serventia de cozinha e pátio, lado norte. Informa-se nesta redacção.

Guarda-Livros

— Encarrega-se de escritas comerciais e industriais em regime livre.

Rua Serpa Pinto, 32 - 1.º - Montijo.

amigo, categorizado elemento musical da «Orquestra Eldorado», desta vila.

Muito lhe desejamos que dentro em breve recupere a sua saúde, regressando ao seio de sua carinhosa família e ao convívio dos seus numerosos amigos.

Agradecimentos

Ao Ilustre Senhor Dr.

Eduardo Gomes

Elvira Maurício Tereno, não desejando ferir a sua modestia vem por este meio agradecer a tão digno médico a forma inteligente e carinhosa como foi tratada durante o seu internamento na Maternidade do Hospital do Montijo, de 26 de Julho findo até há poucos dias, — encontrando-se agora bem, assim como seu filho, depois dum parto anormal e difícil, no qual sua ex.^a demonstrou vastíssimos conhecimentos, só possíveis em clínicos de grande renome.

Igualmente, torna extensivo este agradecimento à ex.^{ma} enfermeira, sr.^a D. Cremilde, ficando muito grata pelas atenções dispensadas.

D. Maria Eugénia Bisca

Eugénia Bisca de Oliveira Canelas, Maria Eugénia Sampaio Bisca, Manuel Caetano Sampaio Bisca, José Maria Sampaio Bisca, Emilio de Jesus Bisca e mais sobrinhos, na impossibilidade de o fazerem totalmente, por desconhecimento das respectivas moradas, vêm agradecer reconhecidamente as provas de estima recebidas durante a doença da sua saudosa mãe, sogra, avó e tia, e ainda aquelas pessoas que a acompanhara à sua última morada.

Acidente de trabalho mortal

Ao derrubar um pinheiro no sítio de Catapereiro, em cujo corte se ocupava o trabalhador Caetano Braga Caramulo, de 58 anos, residente em Sarilhos Grandes, este foi atingido pela árvore que lhe esmagou o crânio.

Levado de seguida ao Hospital da Misericórdia de Alcochete, faleceu momentos depois de ali ter dado entrada.

EM VILEGIATURA

s.^r. José da Silva Leite

Encontra-se desde o dia 11 do corrente mês na estância termal da Curia, a quem se vai juntar por estes próximos dias sua Ex.^{ma} esposa e filhos, o digno presidente do Município de Montijo, sr. José da Silva Leite, pelo que «A Província» lhes endereça as suas saudações e votos de bem estar de saúde.

MONTIJO

Adelaide da Piedade Barbosa de Pinho

Viúva de José de Pinho Bastos

AGRADECIMENTO

A família de Adelaide da Piedade Barbosa de Pinho, falecida em 19 de Julho findo, vem por este meio manifestar a sua gratidão a todas as pessoas que se interessaram durante a sua doença, que expressaram condolências e ainda às que acompanharam a saudosa extinta à sua última morada.

CLUBE DESPORTIVO DE MONTIJO

COMUNICADO

Com vista à próxima época de futebol de 1958/59, que terá início no dia 7 de Setembro p. ft.º, aceitam-se propostas em carta fechada, para exploração de bufete do campo de jogos «Luís de Almeida Fidalgo», até às 16 horas do dia 29 do corrente, as quais serão abertas no mesmo dia, na Sede Social, pelas 21,30 horas, na presença dos interessados.

Ao Clube reserva-se o direito de opção, caso o valor das propostas não seja suficientemente compensador.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª feira, 21 — *Diogo*
6.ª feira, 22 — *Giraldes*
Sábado, 23 — *Montepio*
Domingo, 24 — *Moderna*
2.ª feira, 25 — *Higiene*
3.ª feira, 26 — *Diogo*
4.ª feira, 27 — *Giraldes*

Boletim Religioso

Vida Católica

HORARIO DAS MISSAS

5.ª-feira, 21, — às 9 h.
6.ª-feira, 22, — às 9 h.
Sábado, 23, — às 9 h.
Domingo, 24, — na Igreja da Misericórdia, às 8 h.; na Igreja Paroquial, às 11,30 e 18,30 h. (Terço e Bênção, e na Atalaia, às 10 h.)

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Evangélica Presbiteriana do Salvador — Rua Santos Oliveira, 4 - Montijo.

Domingos — Escola dominical, às 10 horas, para crianças, jovens e adultos. Culto divino, às 11 e 21,30 h.

Quartas-feiras — Culto abreviado, com ensaio de cânticos religiosos, às 21,30.

Sextas-feiras — Reunião de Oração 21,30 h.

No segundo domingo de cada mês, celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucarística Sagrada Comunhão

Espectáculos

CINEMA TEATRO

JOAQUIM DE ALMEIDA

5.ª feira, 21; (Para 17 anos) Um filme alemão de grande interesse para o público português... pois decorre em Lisboa e seus arredores: «A Mulher do Embaixador».

Sábado, 23; (Para 17 anos) O erro duma mulher apaixonada, que procura a razão da sua vida no ambiente exótico duma grande cidade do oriente: «O Sétimo Pecado», com Eleanor Parker, Bill Travers e George Sanders: um filme da Metro.

Domingo, 24; (Para 12 anos) Em virtude da corrida de toiros o espectáculo terá início às 21,45 horas. Uma obra sublime que para sempre ficará gravada em todos os corações: «O Sol nasce amanhã»; interpretado por um grupo de garotos geniais, que comove até às lágrimas.

Terça-feira, 26; (Para 17 anos) A história de um homem simples que o destino atraçou: «Juramento Quebrado».

Quinta-feira, 28; (Para 17 anos) Uma história profundamente humana: «Ao longo de Paris», com Jean Gabin e Bounvil.

Compre... Leia... Divulgue

«A Província»

Semanário de

Informação - Cultura - Recreio

Arrenda-se

ADEGA com Caldeira, na Rua das Taipas.
Informa na redacção.

Assinar «A PROVÍNCIA» é contribuir para o progresso da sua terra

Tempo de férias

(Continuação da primeira página)

«Monsieur» e ele entraram de dissertar sobre as mais variadas questões, nas quais o Rogério se sentia absolutamente à vontade, posto que, não falando correctamente o francês, entendia, no entanto, das questões...

Dize tu, direi eu, eis que «monsieur» achou por bem descobrir uma das muitas chapas de pedra (ou lá o que é) com que a Junta Autónoma das Estradas convencionou assinalar as paragens dos autocarros.

O francês, bisbilhoteiro como um bom turista sempre deve ser, fixou melhor a sua atenção na referida chapa, sacudiu o torpor do Rogério, e com o ar mais interessado deste mundo perguntou-lhe: «aquela empresa de camionagem é dum só proprietário ou faz parte duma sociedade?»

Claro está que o meu amigo não percebeu logo à primeira. Seguiu com os olhos a direcção indicada pelo dedo espetado do seu camarada de ocasião. E viu. Viu a tal «paragem» dos autocarros,

metida a meio dum desenho daqueles, uma chapa igualzinha a milhentas que há por esse Portugal fora, chapas que justificam a boa orientação da nossa Junta Autónoma das Estradas.

Ficou perplexo, o meu amigo Rogério. «Podia lá ser possível que um francês...» Enorme vontade de rir o invadiu. Mas, não. Pacientemente, correctamente, esclareceu o estrangeiro O qual, com um sorriso comprometido, justificou a gafe: «Sabe, é que desde que cheguei a Portugal não tenho visto outra coisa ao longo das estradas. Supuz tratar-se de publicidade à empresa «Paragem»!

E' assim. A publicidade revela-se a cada passo. Até no modo como que se nararam as peripécias dos portugueses que, além-fronteiras, sofrem do perdoável vício de conhecer para contar.

Se esta história, verídica, se tivesse passado com um português no lugar de um francês...

Armando Trindade

ESCRITOR

(Continuação da última página)

quista que abriu novos mundos, ilustrando em todos eles o nome Português. É ele o inevitável agente do progresso humano, purificando na razão directa da Natureza.

É o germen eterno de tudo o que é grandioso nas catástrofes e nos progressos, segundo a escala em que se manifesta!

O escritor muda de frase, mas não muda de essência.

É ao amor e ao Cristianismo que ele vai buscar o seu sistema completo, que tanto o ilustra.

É com prazer e avidez que lemos livros novos, que descortinamos nova luz, principalmente quando eles são ditados por aquele a

quem se pode dar o nome de «Escritor».

Os escritores, na generalidade, são dominados pelo espírito do seu tempo e encontram em todos os assuntos um ensaio dos deveres do homem ou dos mistérios da religião.

Moralizam ou simbolizam todos os fenómenos físicos, as propriedades das plantas, as leis que presidem ao funcionamento do mundo, e tudo quanto lhes possa suscitar ou sugerir uma indicação moral ou um exemplo sob a aparência de qualquer símbolo.

— É tudo o que significa Vida, que faz e define o Escritor porque ele e só ele a sabe descrever.

Seisdedos Branco

A' procura de porto seguro

(Continuação da primeira página)

o melhor. Mas não conseguem saber qual êle seja. André Gide viveu esse doloroso drama, a avaliar por estas palavras que anotou no seu *Diário* (3-1-1892):

«Torturo-me por não saber o que serei; ignoro, mesmo, quem eu gostaria de ser; mas o que eu sei é que é preciso escolher. Gostaria de trilhar caminhos seguros, daqueles que me levassem apenas aonde resolvi chegar; mas fico perplexo; não sei bem o que deva crer».

A confissão dolorosa continua, e Gide acaba por suplicar: «Senhor, permiti que eu só queira uma coisa e a queira sem desfalecimentos: Seigneur, donnez-moi de ne vouloir qu'une seule chose

et de la vouloir sans cesse».

E parece-nos que Gide morreu sem ter chegado a porto seguro.

Dr. Cruz Malpique

Notícias de Portugal

(Continuação da 1.ª página)

— Durante o ano passado construíram-se em Nova Lisboa 72 novos prédios no valor total de 20.274.494\$00 e ocupando uma área de 16.638 metros quadrados.

— A produção de diamantes na Lunda, — Angola — em 1957 foi a mais alta desde a fundação da Companhia: 861.664,39 quilates, dos quais 60,73% de pedras de joalheria e 39,27% de diamantes industriais.

Ao coração dos nossos leitores

Quando daqui apelámos junto dos nossos leitores que se condoessem do infeliz António Bento, sabíamos antecipadamente que o nosso grito não iria ecoar em vão.

De vários leitores e até de vários pontos do País, começaram a chegar donativos que irão ajudar o tratamento que ele precisa.

Parece-nos que é na desgraça que ainda se conhecem os amigos e se revelam os corações.

O Bento tem amigos e para já, provam-no as importâncias recebidas e as cartas de incitamento a esta causa.

Mas é preciso mais; é preciso que o Bento não deixe de fazer o tratamento à míngua de recursos. E' necessário que em cada coração palpite o sentimento de humanidade, que cada um contribua com qualquer coisa para que o Bento não cegue. Os amigos de infância, os antigos companheiros, os montijenses e enfim os leitores do nosso jornal.

Temos que salvar um infeliz. Esta iniciativa não se pode esquecer, não se pode apagar, para não se apagar a réstea de luz que ainda existe em seus olhares amortecidos.

Várias cartas e alvitres chegam à nossa redacção.

Hoje extractamos de uma carta recebida um desses alvitres:

«...Contudo, permita-me V., ainda relacionado com o triste caso do infeliz «BENTO», alvitrear... o que muitos poderiam fazer para suavizar o seu sofrimento, pedindo até que, através das colunas do vj jornal fizesse eco daquilo que passarei a descrever.

Ninguém ignora a colaboração, julgo de boa fé que na maioria dos casos foi sempre desinteressadamente, o que o «BENTO» trabalhou como amador dramático na Banda Democrática 2 de Janeiro, Grupo Cênico de Montijo e Comissão

das Populares Festas de S. Pedro, e em muitos casos até como montador e locutor de rádio em serviço para a Orquestra Eldorado e Comissão das Festas de S. Pedro, e assim, melhor do que ninguém, deveria partir de todos aqueles uma «FESTA» de homenagem cujo produto liquido seria entregue publicamente àquele a quem hoje o vj conceituado jornal dedica algumas colunas abrindo uma subscrição, aliás justa e humana. Bem haja o vj jornal.

Ainda que afastado, há longo tempo, das andanças de amadores dramáticos, poderá o vj jornal contar com a minha desinteressada colaboração para tudo o que seja necessário em relação ao que alvitro.

Sem mais, de momento, e agradecendo a atenção dispensada, me subscrevo com elevada estima e consideração».

De V...

Atenciosamente

(*) José J. Valério Rodrigues

Importâncias recebidas:

«A Província», 100\$00; «Acção de graças pelas me-lhoras de minha esposa, 20\$00; Laura Bernardes, 5\$00; Mateus Reis Rosa, 100\$00; F. Rosa & Irmão, Lda., 100\$00; José Diniz André Barreto, 100\$00; João Olívio Sancho, 20\$00; Manuel M. M. Patinha, 10\$00; Joaquim Manuel Palpita S., 5\$00; Um amigo de infância, 100\$00; R. S. C. M., 20\$00; Mili e Bêtnha - Sousel - 20\$00; As 5 operárias da SOPAC, 12\$50; Luiz Maria Nogueira, 20\$00; Uma envergonhada, 20\$00.

A transportar. . . 652\$50

Cartas à Direcção...

As moscas

Sr. Director:

A leitura da local sob esta epígrafe publicada no n.º 173 de «A Província», sugeriram-me as seguintes linhas cuja publicação muito agradecerei a V...., visto ser um assunto que já várias vezes tem sido debatido na imprensa local, merecendo igualmente a atenção das nossas entidades oficiais.

As moscas, esses insectos de todos nós conhecidos, encontraram ao que parece nesta nossa terra ambiente propício para germinar e proliferar, tornando-se de tal forma familiares estes dípteros nojentos que, temos de confessar, não fazemos já aquele esgar de aborrecido quando as sacudimos da cara, as enxotamos dos copos, e dos alimentos, ou elas resolvem tomar banho no prato da sopa que vamos digerir.

Isso não obsta a que, de vez em quando, não nos revoltemos contra estes inimigos da propaganda que se faz de Montijo, acontecendo por exemplo que num destes dias das Festas de S. Pedro, na altura do almoço com umas visitas que as comentavam elogiosamente, (o que diga-se de passagem nos estava a encher de satisfação), tivémos de, perante as visitas, retirar pacientemente duas mosquinhas... que se haviam precipitado no nosso prato, vítimas da sua imprudência, nas suas acrobacias em conjunto!

Ninguém fez comentários, mas os olhares foram significativos, terminando a cena muda com um encolher de ombros e o regresso ao assunto anterior.

O facto em si nada tem de especial, e é duma banalidade que francamente não valia a pena referi-lo, se não fora o caso de em tempos ainda recentes se ter falado numa campanha contra as moscas, que, ao que parece não resultou, morrendo na casca... não se verificando consequências dela, o que é lamentável.

Desejariamos que, se fosse possível, essa campanha se efectuasse

de forma positiva, porque não bastam os papelinhos, os pós e os líquidos para nos livrarmos de tão perigosos insectos.

Será preciso que nos locais da sua germinação sejam eliminadas; ou pelo menos, bem desinfectados.

Diz-se, e ao que parece com razão, que o «célebre» Porto da Lama, juntamente com as malhadas, são o seu principal viveiro.

Qualquer dos referidos locais representam pontos de interesse económico, mas afigura-se-nos a possibilidade de torná-los alvos de medidas capazes de neutralizar o seu enorme contributo para os enxames que nos apoquentam e torturam.

Levanta-se o problema, por sabermos quantos comentários nada edificantes têm sido feitos à nossa terra e à nossa gente por parte de muitas pessoas, que outros motivos não vão já encontrando para nos censurar.

E, aqui está o que por hoje, se oferece dizer ao vosso,

«Provinciano»

GRUPO DESPORTIVO

DAS FAIAS

Festa de homenagem ao treinador José Vieira

Realiza-se no próximo domingo, 24, a grandiosa festa de homenagem a este valioso elemento futebolístico, antigo jogador do extinto Aldegalense e do Desportivo de Montijo, assim como do Juventude de Évora, e actualmente dedicado treinador daquele Grupo Desportivo, a qual promete ser um dia de festa carinhosa bem merecida, a que nos associamos com satisfação.

Referindo-nos à reportagem publicada em 31 do mês findo, cumpre-nos rectificar que, por erro de informação prestada, a esposa do nosso prestimoso assinante e amigo deste jornal sr. Manuel Timóteo da Silva, é a sr.ª D. Maria de Oliveira Baptista; e a do nosso amigo e assinante, sr. João dos Santos Amaral, é a sr.ª D. Delmira Augusta Timóteo, aos quais pedimos desculpas pelo involuntário lapso cometido.

SANFER, L.ª DA

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Recordações dum aldeano, ao redor de 1900

A Festa Grande

Era como nós lhe chamávamos, à «*Romaria de Nossa Senhora da Atalaia*». Era efectivamente a maior festa que se realizava naquela época. Desde sábado de manhã até segunda-feira, a vila animava-se dum vai-vem constante de gente para a Atalaia.

No sábado de manhã começava a chegada dos círios, a maior parte deles vinham de Lisboa; alguns, nos vapores que faziam carreiras extraordinárias — o «Rio Tejo» e o «Vitória», — mas, uma grande parte vinha em fragatas, algumas conduzidas, por pequenos rebocadores, repletas de gente da freguesia a que dizia respeito o círio, e atroxados com a mais variada bagagem e respectivos mantimentos.

Lembra-me de chegar a contar da janela onde minha mãe me obrigava a estar empoleirado, doze procissões que se dirigiam para a Atalaia, com respectiva banda de música e foguetório constante. Ao chegar ao fim da vila, o andor era transportado num trem que o conduzia ao local da festa.

Entretinha-me também a tomar conta dos nomes dos círios, e ainda retenho alguns, como os das Francezinhas; de S. Cristovam e S. Lourenço; de Santos e Lapa, onde predominavam as varinas da Madragôa; de Santos-o-Novo; de Chelas; Conceição-Velha, etc.

De Setúbal, vinha um com a imagem de Nossa Senhora dentro duma carrocinha armada em altar, puxada por um cavalinho.

Outros havia, que nunca passavam pela vila e que eram muito falados; como os dos Olhos de Água; da Quinta dos Anjos e da Carregueira, celebrizavam-se pela quantidade de fogo que deitavam, ao chegar à Atalaia.

No Domingo, os vapores despejavam durante todo o dia centenas de pessoas, que se esgueiravam conforme podiam e nos mais variados transportes da época, sendo a tostão cada passagem para a Atalaia; e os habitantes da vila na sua maioria também para lá debandavam.

Assistia-se à tarde a uma enorme procissão, com todos os andores e bandeiras dos círios, músicas e milhares e milhares de foguetes e morteiros rebentando, e o ruído e palratório de toda aquela gente.

Dezenas e dezenas de barracas enfileiravam por ali abaixo, com variadíssimas vendas e divertimentos.

Foi ali que por um vintém, assisti a uma sessão da chamada lanterna mágica, cujas figuras se reflectiam num «*ecran*», mas não se moviam. e que antecedeu o actual cinema; noutra e por dez réis sentados ao redor duma mesa, e com auscultadores

nos ouvidos assistimos aos primeiros vagidos do gramofone; e os cavalinhos em que cada passagem custava um vintém, sendo ainda movidos a braços humanos.

Mas o século XX vinha despontando e, com ele, o

P O R
Luís Maria Nogueira

cérebro humano começava já resplandecendo, nos fulgores de descobertas que às primeiras impressões nos enchia de pasmo, mas também de orgulho por fazermos parte dessa raça humana, que tantos prodígios tem realizado.

Na segunda-feira era a debandada, os romeiros cheios de poeira e de vinho, os chapéus enfeitados com a estampa de N.ª Senhora e as mais variadas bugigangas e levavam ao pescoço dezenas de rosários.

Todo o aprumo da chegada, esvaziava-se naquelas

duas noites mal dormidas, mas melhores comidas e bebidas, cantando-se e dançando-se num regabofe permanentemente intercalado com a lavagem ruída e musicada da cara dos romeiros na fonte milagrosa, na madrugada de domingo.

Por isso, nesse dia da partida, as procissões passavam mais rápidas, e com pouca ordem, em direcção ao cais do embarque, as mulheres meias desgrenhadas e empoeiradas, cantavam e dançavam, num último arranco da sua alegria festiva quasi esgotadas, acompanhadas por grupos musicais que tocavam as árias em voga naquela época.

Uma dessas árias, fui eu ouvir cinquenta anos passados, ao «Coliseu dos Recreios», e era da Opereta: «O Bocaccio».

Mais uns copos esvaziados para conservar a boa disposição fermentada de dois dias e lá embarcavam já fazendo projectos para o ano seguinte.

Silva & Brito, L. da

Por escritura de 23 de Setembro de 1956, lavrada a fls. 8 e seguintes do livro n.º 4-B do cartório notarial do Montijo, entre Aurora das Dores Silva, Francisco de Brito, Manuel Cândido da Costa e António Júlio Canarim Nepomuceno foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Silva & Brito, Lda., tem a sua sede nesta vila e durará por tempo indeterminado, contando-se para os efeitos legais o seu começo desde hoje.

2.º

O seu objecto principal é o da indústria de cortiça, podendo, porém, explorar qualquer outro ramo de indústria ou comércio em que os sócios acordarem, desde que seja permitido por lei.

3.º

O capital social é de 100.000\$00, em dinheiro, todo já integralmente realizado, e corresponde à soma de quatro quotas de 25.000\$00, cada uma, pertencente a cada um dos sócios.

4.º

Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à caixa social os suprimentos de que esta carecer para o bom andamento dos negócios sociais, nas condições que forem aprovadas em assembleia geral e constarem da respectiva acta.

5.º

A cessão das quotas, no todo ou em parte, fica dependente do consentimento da sociedade, que, no caso de preferir, pagará a quota alienanda, segundo o balanço a que se proceder para tal fim.

6.º

O sócio que quizer alienar a sua quota assim o comunicará à sociedade, por carta registada, com aviso de recepção, indicando o nome do adquirente, e, se dentro do prazo de trinta dias não receber qualquer resposta, poderá realizar livremente a indicada alienação.

7.º

Fica, contudo, desde já o sócio

António Júlio Canarim Nepomuceno autorizado a ceder a quem entender, no todo ou em parte, a sua quota.

8.º

A sociedade será representada em juízo ou fora dele, activa e passivamente, por todos os sócios, os quais ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for resolvido em assembleia geral e constar da respectiva acta.

§ 1.º — Para que a sociedade se considere obrigada são necessárias as assinaturas em conjunto de dois dos gerentes, bastando, contudo, a assinatura de um só em actos de mero expediente.

§ 2.º — Em caso algum a sociedade poderá ser obrigada em letras de favor, fianças, avales, abonações e outros actos ou documentos estranhos aos negócios sociais.

9.º

Os balanços dar-se-ão com referência a 31 de Dezembro e os lucros líquidos apurados, depois de deduzida a percentagem de 5 por cento para fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas e na mesma proporção serão suportadas as perdas.

10.º

Nenhum sócio poderá em seu nome individual, associado com outrem, ou por interposta pessoa, por conta alheia, como assalariado de terceiros, exercer indústria ou comércio igual ou semelhante aos que a sociedade explore.

11.º

No caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes continuarão na sociedade, conservando-se a respectiva quota indivisa e devendo nomear de entre eles um que a todos represente na sociedade, sem o que não terão nela qualquer ingerência.

12.º

Em todo o omissis regularão as disposições legais aplicáveis.

Montijo, 30 de Novembro de 1956.

O Ajudante do Cartório,
Manuel Cipriano Rodrigues Futre

FORAM APROVADOS OS ESTATUTOS do Grémio Regional dos Industriais de Cortiça do Centro

O sr. ministro das Corporações aprovou por alvará, os estatutos do Grémio Regional dos Industriais de Cortiça do Centro. O novo Grémio, o terceiro organismo corporativo representativo da importante actividade industrial de cortiça, abrange as empresas que, nos distritos de Castelo Branco, Leiria, Santarém, Lisboa e Setúbal, exercem aquela actividade em qualquer das seguintes modalidades: indústria preparadora, indústria transformadora e granuladora e indústria aglomeradora e química de cortiça.

Compete ao Grémio, além da representação de todos os elementos do seu ramo de indústria e da tutela dos respectivos interesses, prestar informações e propor sobre os assuntos da sua especialidade ou de interesse da in-

dústria, diligenciar a melhoria das condições do pessoal ao serviço das empresas, ajustando acordos e contratos colectivos de trabalho, e criar e manter iniciativas de interesse comum.

A administração do Grémio pertence à assembleia geral, ao conselho geral e à direcção. Ao conselho cabem, entre outras, as seguintes atribuições: deliberar sobre a aplicação de fundos, dar parecer sobre todas as consultas que lhe faça a direcção, estudar e aprovar regulamentos elaborados pela direcção. A direcção representa o Grémio, organiza os serviços, admite sócios, ajusta contratos e acordos colectivos de trabalho, etc. Até à data da realização das primeiras eleições, o Grémio será administrado por uma comissão directiva a nomear pelo sr. ministro das Corporações.

FOLHA AO VENTO...

Todo aquele que conte apenas com o esforço do seu trabalho honrado para viver atendendo às necessidades, vê-se em sérios apuros para fazer variadas contas que o levem ao equilíbrio da balança orçamental e, portanto, a continuar a sua existência na Terra.

Começa por somar a totalidade dos compromissos e logo passa a multiplicar esforços, trabalhando mais e muito mais ainda, no desejo de angariar novos cabedais que o ajudem a resolver o bicudo problema.

Uma vez recolhido o produto do trabalho, logo o desgraçado dá tratos de polé à imaginação e principia a dividir os magros escudos em quinhões destinados aos credores.

Estes, por sua vez, sempre atentos espreitam a melhor oportunidade para saltar sobre o infeliz a-fim-de-lhe subtrair a totalidade do débito, importância que na

maioria dos casos vai avolumar o montante de onde, por seu lado, terão de sair quinhões para liquidar contas com fornecedores, para eles, por sua vez, fazerem operações matemáticas idênticas, como que em motu-continuo de rudes exercícios algébricos, até que o dinheiro chegue às aduncas mãos daquele que, revestido de boas manhas e finamente enfarpelado, arremesse para a burra todo o dinheirinho impregnado ainda de suor honesto do seu ganhador.

Compreenda, leitor amigo, que apenas faço referência às quatro operações; pois, o caso muda muito de figura se o desgraçado, que, para viver cá na Terra, conta apenas com o esforço do seu trabalho, se vir forçado a lançar mão do máximo divisor, porque, então, a trapalhada não pára mais, mesmo que entrem em acção as partidas dobradas...

Zé dos Anzóis

«Os Marialvas de S. Cristóvão»

Solenizou em 3 do corrente mês o 19.º aniversário de útil existência dedicada principalmente às finalidades excursionista e beneficente, a simpática agremiação bairrista da capital «Os Marialvas de S. Cristóvão».

Comemorando esse jubileoso facto publicou igualmente um número único, intitulado «Almade Marialvas», em que se focam alguns aspectos da sua vida associativa.

Do programa comemorativo deste aniversário constava uma sessão solene realizada nessa data no sa-

lão da Academia Recreio Artístico, e apresentação de 40 crianças, vestidas e calçadas pela sua Secção de Beneficência, a quem também lhes foi distribuído um lanche, e no domingo, seguinte efectuou-se um almoço de confraternização entre os seus associados, num retiro dos arredores de Lisboa.

«A Província» confessando-se muito grata pela deferência que lhe foi cometida de destinar um enxoval a uma criança sua protegida, faz sinceros votos pelas continuas prosperidades de «Os Marialvas de S. Cristóvão» e felicita todos os associados.

Basquetebol

O novo campo de basquetebol será, dentro em breve, uma realidade

Quando se tem posto toda a vontade e entusiasmo numa obra meritória, quando se sente vir ela preencher lacunas e contribuir de algum modo para a concretização de desejos e aspirações, é sempre com um mito de temor e tristeza que se vê aproximar aquelas nuvens que parecem servir de tropeço e empanar o brilho e a continuidade dessa obra. Tem sucedido assim conosco.

A obra desportiva da prática e divulgação do basquetebol a que nos temos devotado e para a qual temos dispendido tantas energias tem sofrido através dos anos o impacto de muitas dificuldades e vicissitudes, sendo a última o facto de termos de ficar sem o nosso campo da modalidade, em virtude do projecto de alargamento do Parque o atingir.

Porém, não nos falecendo o ânimo perante esse obstáculo já há algum tempo levantado, resolvemos meter mãos à obra para que ele podesse ser transposto.

Mister era que um novo campo fosse arranjado para vir preencher a falta do primeiro, falta que se aproxima, assim o cremos, a passos agigantados.

Faltava-nos, porém, para a realização de tal empreendimento, os meios monetários necessários para prover ao custo das obras a realizar, obras indispensáveis para arranjo conveniente do novo campo a ser instalado, em terreno apropriado, no campo de futebol.

Em face dessa dificuldade resolvemos apelar para alguém que nos podesse proporcionar esse auxílio de que tanto carecíamos.

Foi assim que, confiantes, fomos até junto do Mui Digno Presidente da Câmara Municipal do Montijo, Sr. José da Silva Leite, para lhe expormos a situação difícil em que nos encontrávamos. Muito atenciosamente fomos recebidos e, depois de termos exposto o problema com que nos debatíamos, foi-nos prometido pelo Sr. Presidente uma contribuição da Câmara que nos permitirá resolver a dificuldade monetária.

Exultantes ficámos, e é principalmente movidos por esse espírito de boa vontade e compreensão do Ex.º Sr. José da Silva Leite, que lançamos mão da pena para escrevermos estas linhas com as quais pretendemos expressar toda a nossa gratidão por, neste transe difícil, termos encontrado da sua parte uma visão clara da nossa dificuldade e aquele espírito de cooperação que para conosco tão bem expressou.

Que este apoio nos sirva de incentivo, e estamos certos que o servirá, para, dentro do mais curto espaço de tempo — (talvez ainda este mês) —, termos o nosso novo campo de basquetebol, e para que os nossos ânimos possam ser fortalecidos, prosseguindo sempre com entusiasmo, vigor e confiança.

A COMISSÃO

PESCA DESPORTIVA

1.º Concurso de Pesca Desportiva da Província do Ribatejo, na Vala da Azambuja

Realizou-se com brilhante êxito no dia 10 do mês corrente o 1.º Grande Concurso de Pesca Desportiva desta Província, organizado pela Casa do Ribatejo e seu associado, o Grupo Desportivo de Azambuja, nesta típica região.

Distribuíram-se 50 taças e 50 medalhas, e a sua classificação foi a seguinte:

CLUBES

1.º prémio: — Grupo D. da Azambuja; 2.º prémio: — Sport Lisboa e Benfica; 3.º prémio: — União F. C. I. Tomar; 4.º prémio: — Associação de Pesca de Abrantes, e 5.º prémio: «Os Leões» de Santarém.

INDIVIDUAIS

1.º prémio: — Oliveira Ramos, do S. L. e Benfica; 2.º prémio: — Manuel A. L. da Silva, «Os Leões», de

Santarém, e 3.º prémio: — Maximino António, do G. D. da Azambuja.

SENHORAS. 1.º prémio: — Gevaldina M. Pinho, do F. C. do Porto, etc. INFANTIS: António Carriço Bernardes, de «Os Leões», de Santarém, etc.

Concurso de Pesca Desportiva, da Figueira da Foz

No próximo dia 14 de Setembro, efectua-se na Figueira da Foz o V Grande Concurso de Pesca da Figueira da Foz, que é organizado pelo Ginásio Clube Figueirense, com o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo.

Disputam-se mais de 50 taças, havendo grande expectativa à volta deste concurso que no ano passado

DESSPORTOS

CICLISMO

21.º VOLTA A PORTUGAL em Bicicleta

(Organizada pelo «DIÁRIO ILUSTRADO»)

Alves Barbosa ganhou a etapa «Setúbal - Lisboa»

corredor António Pedro Júnior, do Sporting; seguido de Alves Barbosa (Sangalhos) e outros.

Por iniciativa do sr. Manuel Porto (Coliseu-Cine), foi organizada uma comissão, com o fim de atribuir um prémio em dinheiro ao último classificado, sendo contemplado o corredor Manuel Azevedo.

Felicitemos aquele sr. pela sua simpática iniciativa. - C.

* * *

Jornal «Sporting»

Por nos parecer digno do conhecimento de todos os montijenses, transcrevemos com a devida vénia deste semanário a seguinte local:

"José da Silva Leite"

Presidente da Câmara Municipal de Montijo

Quis o sr. José da Silva Leite, presidente da Câmara

Municipal de Montijo, estar presente no Hospital da vila para se inteirar do estado de saúde do ciclista Carlos André, que, como se sabe, desistiu na tirada Setúbal-Lisboa, por virtude de forte indisposição física, possivelmente filha da tardia entrega de alimentos na etapa Portimão-Setúbal.

Esta atitude revela da parte de quem a praticou o sentido exacto do desempenho do honroso lugar que ocupa na vida da Nação.

São gestos como este que dignificam as pessoas.

«Sporting» agradece ao sr. presidente da Câmara Municipal de Montijo os favores que prestou ao nosso jovem corredor, que o mesmo será dizer: ao Sporting Clube de Portugal!

Visado pela Censura

FUTEBOL

Porto-Ultória, Barcelense - Sporting e Belenenses - CUF

os primeiros jogos dos nossos representantes no NACIONAL DE 1958 - 59

Com o cerimonial do costume, realizaram-se no sábado, 9, na sede da Federação Portuguesa de Futebol, os sorteios para os campeonatos nacionais da época de 1958-59, que dentro em breve surgirão. Presidiu à sessão o sr. Cap. Maia Loureiro, presidente da Federação.

Antes dos sorteios realizaram-se as necessárias reuniões preparatórias, com o objectivo de serem evitados, na mesma localidade, mais do que um encontro em cada jornada.

Assim, o «Nacional» da 1.ª Divisão será inaugurado com a seguinte jornada:

Porto-Vitória; Barcelense-Sporting; Belenenses-Cuf; Braga-Lusitano; Benfica-Guimarães; Covilhã-Caldas e Torriense-Académica.

A II Divisão, no grupo Sul, será inaugurada com Montijo-Arroios; Olhanense-Oriental; Portimonense-Coruchense; Atlético-Almada; Juventude-Serpa; Estoril-Farense; e Beja-Sacavenense.

A data para o início das provas não ficou ainda deter-

minada, aguardando-se que a F. P. F. estabeleça definitivamente, o seu calendário internacional.

No entanto, parece que o Nacional da II Divisão terá início no primeiro domingo de Setembro, dada a sua extensão.

Sociedade Columbófila de MONTIJO

Concurso de CORUNHA - MONTIJO
Prova de 23 de Abril de 1958 --- 530 Kms.
Taça "Sociedade Columbófila de Montijo"

CLASSIFICAÇÕES:

Eduardo Santos Baeta, 1.º, 13.º, 39.º; Francisco Amaro Lança, 2.º, 17.º, 27.º, 35.º; Amandio Carapinha, 3.º, 12.º, 30.º, 37.º; Victor Manuel Viegas, 4.º, 16.º, 33.º; Joaquim Luz Clara, 5.º, 7.º; Eduardo Sabino Terras, 6.º, 9.º; José Luís Nogueira, 8.º, 40.º; Benjamim Neves Silva, 10.º, 32.º; António Júlio Rocha, 11.º, 31.º; Beatriz Neto Carapinha, 14.º; José Correia Leite, 15.º, 22.º, 29.º; Francisco Maria Lucas, 18.º; Laurentino Oliveira, 19.º; Raúl Lopes Martins, 20.º, 21.º; Francisco Jesus Silva, 23.º, 26.º; Aldemiro Eduardo Borges, 24.º, 25.º, 28.º; António J. L. Catita, 34.º; Eozébio da Purificação Oliveira, 36.º; José Carabineiro, 38.º.

foi o que classificou maior número de pescadores.

A inscrição encerra no dia 11 de Setembro.



do Minho ao Guadiana



Moita do Ribatejo

Prosseguem activamente os trabalhos da nova Comissão Organizadora das Festas de N.ª Snr.ª da Boa Viagem, desta vila, que aqui se realizam este ano de 13 a 17 de Setembro próximo, e possivelmente algumas outras de futuro.

Para esse efeito os seus componentes têm dedicado diariamente os seus esforços para reunir as necessárias verbas, de modo a imprimir a estas Festas o maior brilhantismo, rememorando sempre uma tradição que já perdura há mais de dois e meio séculos.

A nova Comissão, agora constituída por gente nova e portanto em pleno vigor para arcar com as pesadas responsabilidades de semelhante cometimento, já fechou contratos com várias Bandas do distrito; tais como, a Providência, de Azeitão; as de Pinhal Novo e Quinta do Anjo; Paio Pires e Timbre Seixalense, do concelho do Seixal; Democrática e 1.º de Dezembro, de Montijo; União Artística Piedense, da Cova da Piedade (Almada) e Humanitária, de Palmela.

Igualmente está em negociações para a apresentação de dois Ranchos Folclóricos, de boa categoria; e tem contratos firmados com as firmas bem conhecidas do Minho: Viúva & Filhos de Constantino Lira, de Felgueiras, e António J. Fernandes & Filhos, de Lanhas, respectivamente, como ornamentadores e decoradores-electricistas e pirotécnicos consagrados pelos seus valiosos trabalhos.

Tudo se prepara no aspecto católico —, para que as solenidades religiosas, revistam a habitual tradição de esplendor, com a imponente procissão em louvor de N.ª Senhora, no domingo, dia 14, e impressionante Bênção dos Barcos, de tanto agrado entre o seu povo.

Este ano, além da concorrida Feira Franca, com inúmeros atractivos, teremos o vistoso arraial, as corridas de toiros nos dias 15, 16 e 17 desse mês e as bem características e apreciadas largadas de toiros pelas ruas desta típica vila.

A Comissão das Festas de N.ª Snr.ª da Boa Viagem bem merece do apoio e carinho dos habitantes da vila e concelho da Moita, e é digna do esforço grandioso que está desenvolvendo para o engrandecimento desta progressiva região, pelo que a felicitamos e lhe auguramos o desejo das maiores felicidades. — (E.)

Pêgões

Estrada de Pêgões-Gare a Craveira do Norte e Sul

Ao aproximar-se o inverno, — estação inclemente para quem necessita de transitar pelos maus caminhos de barro e lamas aglomeradas que se produzem pelas chuvas —, não poderíamos deixar de nos referir à representação feita pelos habitantes desta zona do nosso concelho ao Ex.º Sr. Presidente do nosso Município, há bastante tempo.

Sua Ex.ª recebeu muito atenciosamente os comissionados e demonstrou o melhor interesse em atender o seu justo pedido, pelo

que empregou as necessárias diligências.

Esta estrada já pedida e com projecto aprovado, — para o que andaram ali no ano findo dois engenheiros —, destina-se a servir desde Pêgões-Gare a Craveira do Norte e Sul, ao longo da linha férrea, num percurso de 5 km. aproximadamente, iria embocar naquela que vai para Vendas Novas, que nessa época do ano se torna completamente intransitável.

Consta igualmente que já foi solicitada ao Estado a necessária participação, motivo porque a pedido dos nossos assinantes e da população local vimos lembrar seja atendida a sua justa pretensão. — (R.)

Baixa da Banheira

«Saber esperar, é uma grande virtude»

Nesta lamentável e triste situação se encontra a humilde população da progressiva e importante localidade da Baixa da Banheira, no que diz respeito ao seu abastecimento de água potável!

Concluídos em óptimas condições os trabalhos da obra de pesquisas de tão precioso líquido, (como já o dissemos mais de uma vez, respectivamente, em 15 de Fevereiro e 25 de Maio do ano findo), — quanto ao 1.º e 2.º turo —, e participados pelo Estado com a importância de 250 contos, até esta data, nada mais nos constou de concreto a não ser «boatos».

Por tal motivo, julgamos que nos cabe o direito de perguntar: Terão surgido

assim tantas entraves e dificuldades, para que em cerca de dois anos não se tenha chegado a uma solução, para resolver o melhor possível este problema e dar seguimento aos trabalhos dessa obra?

Ou teria sido a Baixa da Banheira votada a completo abandono e desprezo pelas entidades superiores, para que pelo menos, entre outras aspirações de grande necessidade, não se torne em realidade e num curto espaço de tempo, o indispensável abastecimento de água potável?!

Também já o dissemos uma vez e voltamos a repetir: Em último recurso, uma parte desta população é abastecida diariamente pelo vizinho concelho do Barreiro, — uns, por intermédio de «aguadeiros» ambulantes, ao preço de \$70 cada bilha de água (com a média de 8 litros), e outros, deslocando-se a um marco fontanário no Lavradio, a mais de 1 km.!

Embora sempre tenhamos ouvido dizer: «Saber esperar, é uma grande virtude», não deixaremos de apelar mais uma vez, para o alto critério de Sua Ex.ª o sr. Governador Civil deste Distrito, pois estamos convencidos que a Baixa da Banheira não deixará de lhe merecer todo o seu carinho, solicitando-lhe providências em nome dos seus doze mil e tal habitantes, e acima de tudo a bem da economia da Nação. — (C.)

Visado pela Censura

Ecoss de Setúbal

Por RUI OLIVEIRA

— O Centro Extra-Escolar n.º 1, da Mocidade Portuguesa de Setúbal, romoveu nos dias 2 e 3 do corrente mês um acampamento destinados aos seus filiados na Tróia - Costa.

— Realizam-se no próximo domingo, 24, nesta cidade, as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora da Saúde, cujo programa constará de missa solene, sermão, procissão e outros actos religiosos. Toma igualmente parte nestas Festas uma apreciada Banda Musical, o que lhe deve revestir aspectos de grandiosidade.

— Tomou no passado dia 23 de Julho posse do lugar de Chefe da Secretaria da Delegação do I. N. T. P. em Setúbal, o sr. José Casimiro Santana. A posse foi-lhe conferida pelo ex.º delegado sr. dr. Bento Parreira do Amaral e a ela assistiram todos os funcionários desta repartição. Ao empossado desejamos inúmeras felicidades no desempenho do seu novo cargo.

— Realizam-se nos próximos dias 24 e 25 de Agosto na Caldeira da Tróia as tradicionais festas em honra de Nossa S.ª do Rosário, de cujo programa consta: missa, sermão, procissão e bênção dos barcos.

Telefone 030 378

Para Boas Fotografias procure a

FOTO MONTIJENSE

Av. João de Deus, 71

(à Praça 1.º de Maio)

MONTIJO

N.º 111

Folhetim de «A Província»

21-8-1958

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

— Os aglomerados são feitos com a cortiça virgem, — às vezes com certa percentagem da «amadia». Se a cortiça chega com humidade, é levada às estufas para secar. Depois, vai para os trituradores e fica reduzida a partículas. Com estas partículas se enchem os moldes que vão às prensas. A cortiça tem quantidades de celulose que originam a aderência dessas partículas; e é assim que se conseguem os blocos para mosaicos, para pavimentos, para revestir os interiores e até certos exteriores. As pranchas saídas dos moldes são serradas e, para maior perfeição, aplainadas e alisadas.

Faremos na nossa fábrica aglomerados negros e brancos. Os primeiros fabricam-se pouco mais ou menos como disse; os segundos têm mais preparações e mais «ciência».

São inúmeras as aplicações destes aglomerados. Além de isoladores para o calor e para o frio, ultimamente já se fazem com eles mobílias, artefactos, objectos de uso doméstico, grandes mapas, etc.

Julgamos, pois, enriquecer a indústria nacional e fazer a prosperidade desta região. — Choviam as felicitações e as discursatas. Lá andavam na baralha as velhas teclas do Trabalho e do Capital, com sentenças criteriosas e profecias do paraíso em doce comunhão.

No salão principal estalaram depois as rolas e espumou o champanhe. A gerência queria que a solenidade tivesse muito brilho espumoso...

Houve brindes e mais discursatas. Os sócios da empresa eram alvejados pelos oradores, com citações «ao seu patriotismo» e ao arrojo daquela iniciativa. E por fim, em atitude espectacular e inflamada, também um dos sócios «botou fala» para salientar os sacrifícios e dirigir os agradecimentos.

Noutro casarão juntara-se a massa operária e a Banda Civil. Galdrapas serviam cangirões do «maduro», bolos de bacalhau e sortidos, copinhos de geropiga; e mais adiante rebentaram «saudes» estrondosas, sempre acompanhadas pelo hino colectivo de Carrabuselas.

— Aquilo, sim! Não foi pelo «pau de fileira», mas era agora! À noite houve iluminações e o rigoroso bailarico ao som do jazz da Folgosa. Foi, então, o maior bródio e o maior pandemónio!

O «Pimpão» montara, com licença e sorrisos do sr. Moraes, uma sucursal do bar ao ar livre; de sorte que as libações acompanhavam o fórróbódó e acaloravam-no.

A noite ficou memorável. Nunca naquela corda de pequenas aldeias houvera coisa que se parecesse!

Já o dia começava a clarear e ainda a função durava!

Os homens do jazz, estafados e «redondinhos», encerraram o «concerto» com o «Pirata da perna di pau», que foi bisado e cantado em coro pela assistência delirante; e, quando o sol espreitou da orla tangencial, dava-se, finalmente, a debandada.

O velho Santana levantara-se com cedinho, deixando as palhas ao estoiro do foguetório.

O seu isolamento aumentara nos últimos tempos. Quase não podia sair até o «povo» sem que o invectivassem com graças lorpas e picuinhas que o desesperavam:

— Então aquilo «vai na grande», tá Santana?

— Também eu, — repontava.

— O engenheiro lá foi nas horas...

— Também vós haveis de ir...

— Diz que a inauguração 'stá pra breve...

— Quanto mais depressa melhor...

— Diz que depois vai haver trabalho pra todos e que a nossa terra vai ser das primeiras...

— Trabalho nunca faltou e a nossa terra foi sempre boa. Agora é que já não é nada do que era, e lá para diante ainda será pior...

— Ora, deixe-se de lérias...

— Deixem-se vocês de cantigas... No entanto, tudo irá à sua sorte e ao seu destino.

E o filósofo recolhia-se ao palheiro, desconsolado, desiludido com a marcha dinâmica que os casos iam tomando.

Naquele dia sentira-se mais do que nunca.

— Ele, assistir a festejos, à imbecilidade dos pacóvios, ao desvaio das gentes endoimoadas, lá porque prometiam música, bolos e vinho... Não! Seria até à morte o velho Santana, o representante da outra raça que desaparecera, o valdevinos sem ter onde cair morto; mas o eternamente fiel às virtudes dos antepassados, à tradição da sua aldeia querida!

Continuassem, embora, a acusá-lo de inimigo do Progresso. Isso pouco lhe importava; como à serra não importava também as novas teorias que tudo revolviavam. Ela permanecia sem alteração, a mesma de ontem, a mesma de hoje, — ainda que a cortassem, a retalhassem, a pulverizassem com modernismos. Ele, de pés prá cova, seguia-lhe o exemplo, — o exemplo dos seus avós, dos seus pais, dos seus companheiros de infância.

Era certo que o tempo do carro de bois passara há muito; mas com os tempos novos tinham nascido vícios e defeitos que mudavam a face dos homens e das coisas. E o mais grave, conforme observava, era que já ninguém abdicava dos êxitos alcançados, dos gozos e das prebendas excelsas, ainda que para tanto fosse necessário sugar a última gota de sangue da última vítima a explorar.

(CONTINUA)

DONDE vem este nome? Não se acha a sua etimologia na língua europeia, a menos que não seja por assonância derivada.

Se o escritor moderno pudesse improvisar-se sabe-

ARTES E LETRAS

ESCRITOR

dor do português tão difícil, por alguma prodigiosa fórmula, veria como aplaudido o achado de tal raíz.

A falar a verdade, é pena que a filologia perca uma tese tão curiosa e que tão interessante deveria ser.

Escritor não é só o que escreve, é aquele que Deus fadou com o dom de fazer recordar às gerações os grandes nomes, mares, cidades, províncias e regiões incógnitas ao vulgo, e que são por eles elevadas e radiosas nas páginas dos bons livros. Apesar de dormirem séculos, elas erguem-se saudosas pela mão laboriosa do escritor.

É ele que revolve os vestígios do passado, na poeira das gerações, para procurar indícios do presente. Vultos indelévels na penumbra de um mundo ignoto, nomes já de outra história, duas vezes ilustres, ilustres pelas gloriosas tradições das idades poéticas, ilustres pelas peripécias grandiosas do drama coetâneo, realçam saídos do esquecimento para irem acrescentar a terminologia heróica dum país.

Muitos ficam para sempre perdidos pelas áridas charnecas do tempo sem fim, sepultados sem uma recordação saudosa; outros, pela pena leve e simples do escritor, ficam como recifes aprumados, deixando uma herança de monumentos que nem a mais forte tempestade consegue derruir, e continuam chamando no seu

brado de fé pela glória merecida.

A população vindoura vai ouvindo o eco retumbante das imensas caronadas que

POR
Seisdedos Branco

vão descrevendo as inovações da ciência, aperfeiçoando a vida e a morte.

Coisa singular! .. A longos períodos de distância, estão em pouca diferença os descendentes das mesmas raças, transformados apenas pela acção dos tempos em frente uns dos outros, ele-

vando-se na mesma ideia, pelo duplo espírito.

Lançai os olhos para o passado, atravessai com a imaginação o Mundo, procurai a veneranda literatura!

Não vos diz ela a glória da conquista com a Cruz de Cristo e a seta do Cupido?

Voltei agora à moderna. Ai tendes a montanha da Vida a mostrar-vos o mesmo ainda — o Amor e o Cristianismo — que se fundem num só instinto nativo, a avidez da possessão.

É o amor, a conquista de todas as grandes lutas, de todas as descobertas transcendentales e de todas as metamorfoses sociais.

É o Cristianismo, a con-

(Continua na página 4)

Frustração

Por -- Mário Martins

A frustração em si, é sinónimo de inépcia, de incapacidade para levarmos a cabo uma empresa que nos propusemos efectuar.

Quando tal sucede, penetra-nos uma sensação amarga, e somos obrigados a reconhecer que falhámos.

É a derrocada dos castelos no ar, amorosamente architectados, dos sonhos que preencheram algumas das melhores horas da nossa vida.

E quantos há, que, vivendo dos sonhos amontoados no recôndito do cérebro, caval-

gando através da estrada livre da imaginação, são surpreendidos pela aparição repentina da realidade, que corta cerce a ligação entre nós e o sonho.

Para esses que vivendo a vida duplamente, a real, muitas vezes sobrecarregada de dissabores, apostada em contrariar os anseios das almas sonhadoras, e a do espírito, muito aparte, que os leva às regiões do maravilhoso, onde penetram às escondidas, nos momentos livres, momentos que valem por vidas inteiras, terrenas. Sim, para esses, a frustração é a Morte.

Porque existem duas espécies de homens, um, o frio, calculista, que se dispõe a encarar a dura realidade, enfrentando com estoicismo os embates violentos, e, assim habituado, chega a lançar-lhe autênticos desafios, durante os quais sai por vezes vencedor. O outro, o sonhador, propenso às coisas do espírito, a quem a vida procura ferir, talvez para o chamar a ela, não atende a chamada, e constroi um mundo só para si, onde apenas existe espaço para os seus sonhos, primorosamente delineados, que ficam guardados anos e anos, na sua mente, à espera de realização.

Assemelha-se este pendor a uma árvore preciosa, que prima pela perfeição. Nela, os sonhos são frutos que tardam a amadurecer, sob o sol escaldante da imaginação.

Por fim, já maduros, perfeitos desejados, caem.

Caem na terra húmida e fria da realidade. Ai, abandonados, acabam por apodrecer, e somem-se na terra que os devora, insensível.

E não germinam.

Num retrato

*Neste mar de ondas bravas e de escolhos,
anos e desenganos, lentamente
foram roubando a luz a estes olhos.*

*Olho... não vejo o que me pões em frente;
apenas reconstruo de memória,
essa paisagem fresca e sorridente.*

*Ah! Mocidade vã e transitória!
Astro brilhante mais que os outros astros,
mas de tão curta e breve trajectória!
Navio ao longe... só te avisto os mastros!*

Calado Nunes
(MONTIJENSE)

Dos nossos colaboradores

MOMENTO

*Mas a resposta, a sílaba esperada,
Quando é que chega? quando? quando? quando?
...E o velho dicionário das certezas
Fechava as folhas pálidas, de brando...*

*Abro a janela verde dos meus olhos
E vejo a palidez do firmamento:
— Quero a resposta!... ao longe a velha estrela
Fechava os olhos pálidos, ao vento...*

*Mas a resposta, a mágica resposta
A palavra cruzada dos sentidos?
...E os livros das estantes carcomidas
Tinham a palidez dos esquecidos...*

Eduardo Estulano

A Mulher

*Flor altiva que só Zé tiro ondeia,
De porte tão garboso como a rosa:
Casta como a açucena donairoza
Onde um perfume ténue vagueia.*

*Pura caridade que nos rodeia!
Pedra assaz invulgar e preciosa,
De elevada refrangência, radiosa,
Que nos seus raios o sábio enleia.*

*Um perfeito encanto da natureza;
Plena de graciosidade e pureza,
Que se idolatra qual pura violeta,*

*Dulcíssimo encanto do rouxinol.
A fonte que ilumina como o sol,
Lume que abrasa a alma dum poeta.*

Vidazinha Bravo

ARTE

Copiamos a realidade como ela é, objectivamente, fotograficamente, e temos o naturalismo, em Arte.

Criamos a realidade à imagem e semelhança do nosso mundo interior, fa-

zendo de conta que o mundo externo não existe, ou ajel-tando-o aos nossos precon-ceitos, e temos o idealismo.

Conjugamos a realidade exterior com os nossos dons interiores, modelamo-la dentro da verosimilhança psicológica e somática, e temos a Arte como ela deve ser.

Dr. Cruz Malpique

YOGHURT

BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmela, 15-B

LISBOA - Telef. 775027